

Um rosto para o inimigo

A médica inglesa, porta-voz do Islã moderado, diz que para derrotar os terroristas é preciso primeiro admitir que eles agem em nome de uma religião, ainda que uma minoria os apoie

A médica inglesa Qanta Ahmed, de 46 anos, trabalhava na Arábia Saudita quando dois aviões derubaram as Torres Gêmeas, em 2001. “Fiquei chocada com o júbilo de meus colegas. Eram profissionais educados, médicos de alto gabarito, alguns deles formados nos Estados Unidos”, diz ela. Esse episódio fez com que Qanta, muçulmana devota e filha de paquistaneses, decidisse voltar para sua Londres natal para se tornar uma porta-voz do Islã moderado. Depois, foi morar em Nova York, onde ajudou bombeiros, policiais e voluntários que participaram do resgate às vítimas dos atentados de 11 de setembro de 2001 a superar seus traumas. Mais recentemente, ela trabalhou em um programa de desradicalização de jovens resgatados das fileiras do Talibã, no Paquistão, em 2012. De Nova York, por telefone, Qanta concedeu a seguinte entrevista a VEJA.

Em um encontro para discutir a violência extremista, o presidente americano Barack Obama recusou-se a chamar o terrorismo de “islâmico”. Ele estava certo? Obama tem medo de ofender os outros. É assim que funciona o raciocínio politicamente correto. O problema é que isso pode inibir outras coisas. A questão aqui não é de correção política, e sim conseguir identificar corretamente o agressor. Como lutar contra um mal, se nem sequer há coragem de chamá-lo por seu devido nome? Um inimigo genérico, sem rosto? O comportamento de Obama é o inverso daquele discurso que vigorou após o atentado de 11 de setembro de 2001 em Nova York. O que se observou depois desse episódio foi uma retórica do “nós contra eles”. O Islã foi transformado em vilão. De uma maneira ou de outra, perde-se o espaço necessário para um diálogo e para a compreensão do fenômeno. Temos de ultrapassar es-

“Como lutar
contra um mal,
se nem sequer há
coragem de
chamá-lo por seu
devido nome?”



GILBERTO TADDAY

sa barreira e discutir os fatos abertamente. Só assim será possível solucionar a questão.

A Casa Branca argumenta que Obama precisa dos muçulmanos moderados na guerra ideológica contra os terroristas. Faz sentido? Isso vai depender da atitude das lideranças islâmicas. Em Nova York, depois de 2001, falou-se em monitorar alguns muçulmanos na cidade. Os líderes religiosos e comunitários ficaram indignados e discursaram muito sobre direitos civis, direitos humanos, islamofobia, tudo isso. Mas eles só falavam sobre direitos dos muçulmanos, e não de todos os cidadãos. Pensei comigo mesma: o Islã ensina que temos um dever pessoal. É preciso cuidar do corpo que Alá nos deu, observar as orações, proteger suas criações e criaturas. Tudo isso implica que nós, muçulmanos, temos um dever para com a sociedade. Temos de mantê-la em paz. Nenhum daqueles líderes muçulmanos estava pensando na sociedade nova-iorquina, que tinha toda a razão em ter medo naquela época. Eles só pensavam em si mesmos.

Há certa cumplicidade dos clérigos muçulmanos com os grupos radicais e suas ideologias extremistas? Em toda a história do islamismo, houve pouquíssimos momentos em que se debateu a sério o perigo das ideologias tóxicas que aparecem em nosso meio. É preciso muita coragem para mudar esse comportamento.

O descontentamento no mundo islâmico com as charges com Maomé, como as que foram publicadas pelo jornal francês *Charlie Hebdo*, torna mais difícil uma colaboração dos moderados? Não faz sentido que pessoas sejam assassinadas em um país como a França para vingar um crime contra uma lei de blasfêmia que não é islâmica, e sim islamista (*relativa a vertente política do Islã*). O problema está nos vários regimes que sustentam a ideologia islamista. Neles, qualquer um pode ser atacado se for acusado de islamofóbico. Há um paradoxo muito grande.

“A Arábia Saudita e os Emirados Árabes são monarquias que se legitimam sob o argumento de serem as guardiãs da lei islâmica. Deixam o clero oprimir a população em nome do Islã para assim reforçar a própria autoridade”

Os radicais querem ser respeitados, querem que nosso profeta Maomé seja tratado com consideração e não permitam que cartuns com sua imagem sejam publicados. Mas, quando se olha dentro do mundo islâmico, é fácil perceber que não há respeito pelas outras culturas, por outras crenças. Isso está errado. Mais de 6 000 cristãos tiveram de fugir do Iraque. Quase nenhum país do Golfo Pérsico permite a construção de igrejas, com exceção do Catar. No Níger, na África, foram destruídas igrejas católicas e neopentecostais.

Dá para dizer que os islamistas estão ganhando a guerra? Eles já instituíram o terror em vários países e agora estão estendendo seus domínios pelo mundo. Com o atentado no *Charlie Hebdo*, jornais passaram a evitar charges com Maomé. É como se a lei da blasfêmia, que já está sendo aplicada em teocracias, agora tivesse de ser obedecida também na Europa. O medo de Obama de chamar os terroristas de muçulmanos tem uma raiz parecida. O radicalismo está expandindo seu alcance territorial. Há um vácuo de poder na Líbia, e é natural que o Isis tentasse ocupá-lo. Não há dúvida de que os islamistas estão levando a melhor.

O papa Francisco disse que “a liberdade de expressão não dá o direito de insultar a fé do próximo”. O papa estava assim legitimando ataques como o do *Charlie Hebdo*? Não é agradável ver sua religião sendo ofendida. Mas, na prática, a limitação da liberdade de expressão sempre se torna totalitarista, como tem acontecido nos países islamistas.

Alguns governantes do mundo islâmico, como o egípcio Abdel Fatah Sisi e o rei jordaniano Abdullah II, já acordaram para o perigo? Sim. Acredito que o vídeo que mostrou o piloto jordaniano Muaz Kasasbeh sendo queimado vivo em uma cela, divulgado pelo grupo terrorista Estado Islâmico, alterou muita coisa. Foi um choque. A cena gerou uma indignação em todos os lugares, inclusive nos países de maioria muçulmana. No Cairo, a Universidade Al Azhar, que vinha sendo criticada por suas inclinações condescendentes com o terror, divulgou um comunicado no qual dizia que esse ato não tem respaldo no Islã e pediu que os responsáveis sejam punidos. Em grande parte, isso aconteceu porque Kasasbeh era um muçulmano devoto. Ele não só fazia parte da força aérea de um país muçulmano como tinha cumprido o *hajj* (*a peregrinação para Meca, considerada sagrada*), observava as cinco orações diárias e memorizou o *Corão* quando criança. Esse piloto era um símbolo de um país muçulmano moderno e por isso sua morte incomodou tanto.

Até então não existia a ideia de que qualquer um poderia se tornar a próxima vítima? Na Síria, há relatos até de crucificações, mas que não provocaram nenhum ultraje. Talvez agora tenhamos atingido um ponto de inflexão. Demorou um pouco para que o Estado Islâmico fosse percebido como uma ameaça a todo o mundo, e não somente um fenômeno localizado.

O Estado Islâmico defende a criação de um califado regido pela charia, a lei islâmica. Isso faz sentido segundo o *Corão*? Os islamistas acreditam que a

única maneira possível de o Islã manifestar-se é na forma de um Estado. O *Corão*, porém, não fala absolutamente nada a respeito disso. O livro sagrado é totalmente vago sobre como as pessoas devem se governar. Não especifica a maneira de regular uma sociedade. O termo *dawla*, que significa o Islã como um Estado, não figura entre as 80 000 palavras do *Corão*.

Por que, então, há tantos governos baseados no Islã político dentro e fora do Oriente Médio? Os políticos usam a religião para se legitimar. A Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, por exemplo, são monarquias que se legitimam sob o argumento de serem as guardiãs da lei islâmica. No passado, fizeram acordos com os clérigos para se manter no poder. Deixaram o clero oprimir a população em nome do Islã para assim reforçar a própria autoridade. A ideia de “punição impiedosa”, por exemplo, não existe no Islã, mas encontrou um vasto apoio no mundo islâmico moderno com apedrejamentos, vergastadas e amputações. É fácil ver que acontecem mais violações de direitos humanos em países de maioria muçulmana do que em outros lugares. Esses métodos cruéis não eram tão frequentes como hoje. Em cinco séculos de história legal do Império Otomano, houve apenas um caso de apedrejamento até a morte. Os atuais governantes podem até apresentar seus motivos como religiosos, principalmente os da Arábia Saudita, que se dizem guardiões das cidades sagradas de Meca e Medina, mas a verdade é que não o são. Eles são meramente políticos totalitários.

Muita gente achou que os protestos contra as ditaduras, que ficaram conhecidos como Primavera Árabe, esparhariam democracias pelo Oriente Médio. Por que isso não aconteceu? Para algo assim surgir, é preciso haver universidades, jornais e tribunais independentes. São esses os requisitos que poderiam trazer a mudança cultural necessária para uma democracia plena. Quando morei na Arábia Saudita,

“Em toda a história do islamismo, houve pouquíssimos momentos em que se debateu a sério o perigo das ideologias tóxicas que aparecem em nosso meio. É preciso muita coragem para mudar esse comportamento”

entre 1999 e 2001, a internet tinha acabado de entrar no país. Os celulares começaram a ser vendidos enquanto eu estava lá. Tentava me informar pela rede, mas havia tantos sites bloqueados que era frustrante. A monarquia tinha, e ainda tem, o controle absoluto da informação. A população, é claro, fica menos capaz, menos preparada. Infantil, até. Quando surge uma oportunidade como a Primavera Árabe, ela não sabe o que fazer. Não foi escrito nenhum manifesto político. Não apareceu nenhuma ideia sobre como criar uma economia saudável. Foi uma revolta emocional, não racional. O fracasso era o único desfecho possível.

Como se desradicalizam crianças no Paquistão? O projeto do qual participei atendia crianças que estavam envolvidas em atividades do Talibã. Elas eram informantes, soldados ou estavam se preparando para ataques suicidas com explosivos. O programa funcionava em uma escola técnica para crianças e jovens entre 10 e 20 anos. Ao mesmo tempo que aprendiam uma profissão, eles recebiam instrução islâmica de clérigos moderados, que ajudavam os pequenos a traduzir e a interpretar os textos árabes corretamente. O objetivo

era desfazer o trabalho dos talibãs, que se aproveitaram da ignorância das crianças e de adultos iletrados para manipulá-los à sua própria vontade, distorcendo o que de fato diz o livro sagrado.

O trabalho deu resultado? Não é fácil conseguir isso. Os meninos recebem ajuda de psicólogos e de jovens que estabelecem com eles uma relação de irmão mais velho. Quando eles terminam a escola, esse contato continua uma vez por semana e chega o momento de reinserção na comunidade. Há, contudo, um ressentimento forte da população, pois eles foram informantes do Talibã ou participaram de alguma operação bélica.

A senhora é uma defensora de Israel, como se diz? Não me considero assim. Israel é um país constituído e não precisa da minha ajuda. Sou pragmática. Israel foi fundado na mesma época em que criaram o Paquistão. Ambos são legítimos, e não vejo como isso possa ser discutível. Quando viajo para Israel, contudo, sempre fico um pouco triste. Não encontrei a pluralidade que existe lá em nenhum país do Oriente Médio. Isso inclui mulheres muçulmanas na direção de hospitais, cristãos israelenses na corte suprema e judeus que foram perseguidos e banidos de outros países levando vida digna. É daquela maneira que toda a região ao redor deveria ser.

Por que há tanto antissemitismo no mundo islâmico? Todo totalitarismo precisa de um inimigo central, que possa ser considerado como “o outro” e leve a culpa pelos problemas da sociedade. Esse sentimento transforma-se, quase sempre, em antissemitismo. Foi assim com o comunismo, com o nazismo e é assim com o islamismo. Infelizmente, lendo os livros de história, sabemos dos tipos de discriminação genocida que essa espécie de sentimento pode produzir. Mas não só. Na realidade, a perseguição aos cristãos não tem nada de diferente: todos são considerados infiéis que merecem morrer. ■